



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

LUDICIDADE NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA EM UMA ESCOLA RURAL: ALGUMAS REFLEXÕES

Ribas, Juliana da Rosa (UFSM)

Antunes, Helenise Sangoi(UFSM)

INTRODUÇÃO

Observa-se nos dias atuais a dificuldade por parte dos professores em motivar seus alunos nas atividades propostas em sala de aula. Percebe-se que quando o assunto é alfabetização, a forma com que é trabalhada é pouco criativa e quase sempre muito mecânica e sem sentido para a criança, muitas vezes antes mesmo de começar, a criança já se sente cansada e desinteressada e isso vem refletir negativamente no seu processo de aprendizagem.

As crianças quando ingressam no 1º ano do Ensino Fundamental, chegam com uma vontade imensa de aprender ler e escrever. O anseio começa a crescer a cada dia e aos poucos começa a descoberta maravilhosa do mundo letrado. É durante essa descoberta que muitas vezes acontece a “poda” no interesse da criança, em que a alfabetização lhes é apresentada de uma forma mecânica, repetitiva e sem nenhum significado, fazendo com que o prazer pelo ler e escrever desapareça.

Faz se necessário ter um olhar sensível para as crianças, perceber e entender que por trás da mão que pega o lápis, tem-se uma criança que pensa, como afirma Ferreiro,

por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. Essa criança que pensa não pode ser reduzida a um par de olhos, de ouvidos, e uma mão que pega o lápis. Ela pensa o propósito da língua escrita. O processo de alfabetização nada tem de mecânico, do ponto de vista da criança que aprende. (FERREIRO, 1985, p.68).

Esse lúdico na escola rural acontece minimamente. Muitas vezes de forma simples, através de brincadeiras, como o futebol, quando os pênaltis e os gols são usados na matemática, cantigas de roda, a viagem por entre as histórias infantis. Mesmo

trazendo esses exemplos, ainda penso que a ludicidade fica um pouco esquecida quando se trata da alfabetização na escola rural, pois entendo que o lúdico não é algo vazio, um fazer por fazer, mas um aprender com significado.

Negrine (1994) fala do lúdico através dos jogos, da sua importância, este que vem contribuir no desenvolvimento integral e global da criança. Este jogo como atividade lúdica vem proporcionar ao indivíduo que está jogando conhecimento de maneira gratificante, espontânea, criativa e significativa.

Acredito que se faz necessário que ao pensarmos na alfabetização precisamos fazer com que as crianças se deparem com situações desafiantes, que as façam pensar, repensar, formular hipóteses, que as façam também duvidar e se deparar com o novo, quando falo isso me refiro às formas que os professores têm trabalhado a alfabetização com a criança, porque eu não acredito num aprender, digamos que “abstrato”, com o uso de cartilhas, com palavras soltas, repetitivas, reprodutivas, em que as crianças são incumbidas a repetir que “vovô viu uva” ou que “a bola é do bebê”, ou ainda na repetição do Ba, Be, Bi,Bo, Bu.

Precisamos inovar propondo metodologias novas, fazer a criança criar, descobrir, trabalhar com questões que fazem parte de sua realidade, porque para mim não existe fórmula pronta para você ensinar uma criança ler e escrever, tudo é uma construção e ela só aprenderá se for inserida em um ambiente alfabetizador e letrado, e que saiba qual é a verdadeira função social da escrita.

Para corroborar com esta ideia, trago Ferreiro; Teberosky (1985) que acreditam que a compreensão da função social da escrita deve ser estimulada com o uso de textos de atualidade, livros, histórias, jornais, revistas. Para as psicolinguistas, as cartilhas, ao contrário, oferecem um universo artificial e desinteressante. Conforme pesquisa desenvolvida por Antunes (2010), as escolas rurais de um modo geral, na região central do Estado, ainda se utilizam de cartilhas para ensinar a ler e escrever. Em compensação, numa proposta construtivista de ensino, a sala de aula se transforma totalmente, criando-se o que se chama de ambiente alfabetizador.

Nesse ambiente alfabetizador é preciso que se tenha uma variedade de textos como os rótulos, parlendas, músicas, receitas, jornais e outros, que venham permitir que a criança compreenda as diferenças de interpretação, do significado de cada escrito, sendo que para aprender a ler não basta conhecer os sistemas de escrita, mas conhecer as características da linguagem escrita que mudam conforme o gênero textual.

Pensando na minha proposta de defender a utilização do lúdico na alfabetização nas escolas rurais, percebo cada vez mais a importância de tê-lo como aliado no ensino e aprendizagem das crianças rurais. O uso do lúdico não deve ter dia nem hora marcada, mas precisa estar presente constantemente no ambiente escolar e nas práticas do professores, trazendo um significado para a criança, pois

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS; CRUZ, 1997, p.12).

Sendo assim, acredito na importância de se trabalhar a alfabetização na escola rural utilizando-se de meios lúdicos, pois se estará criando ambientes gratificantes e atraentes, servindo como estímulo para o desenvolvimento integral da criança, proporcionando prazer no ato de aprender.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi utilizado uma abordagem qualitativa e como instrumento de pesquisa um roteiro de entrevista semi-estruturada. Ao se escolher uma metodologia da pesquisa a ser seguida, é preciso ter certo cuidado, pois não são somente algumas técnicas a serem seguidas no decorrer de sua investigação. Faz-se necessário, por exemplo, ter um olhar sensível aos sujeitos da pesquisa, como fala Bognan; Biklen (1994), os estudos qualitativos com o olhar da perspectiva sócio-histórica, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto.

Para realização desta pesquisa foi necessária uma coleta de informações (um estudo de caso) para compreender como a professora do ensino rural aborda a ludicidade na alfabetização do 1º ano e 2º ano. Para que isso fosse possível, foi organizado um roteiro de entrevista semi-estruturada com questões que pudessem nortear o entendimento da professora, a entrevista foi analisada através de um “Quadro de Categorias de Análise”.

Lüdke (1986) definiu a entrevista como sendo um dos instrumentos mais básicos para a coleta de informações. Afirma ainda que com a entrevista existe a possibilidade de uma interação maior entre o entrevistador e o entrevistado, o que não acontece quando é utilizado o questionário ou a observação.

A colaboradora da pesquisa foi uma professora da escola rural das turmas de 1º e 2º ano (classe multisseriada), com Magistério e graduação em Biologia pela Universidade do Alto Uruguai e das Missões - URI - de Santo Ângelo/RS.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O “Alfa e Beto” é um programa que tem sido vendido pela iniciativa privada aos estados e municípios do país como uma proposta de alfabetização para os anos iniciais da educação básica. O programa utiliza o método fônico. Para Frade (2005), esse método tem como objetivo principal desenvolver na criança a consciência fonêmica, baseando-se em um modelo cognitivista.

Durante a entrevista feita com a colaboradora rural, ela afirmou que o único jogo utilizado para alfabetizar é o que vem no programa “Alfa e Beto”. O jogo é composto por uma sacolinha com letras. As crianças tentam ler e se conseguem, a professora não retoma o jogo com elas. Neste sentido, percebeu-se que a colaboradora desconhece outras metodologias lúdicas para explorar a alfabetização. Conforme ela relata durante a entrevista, o que sustenta sua prática é somente o que existe no programa:

Sim. Há, Eles, no programa Alfa Beto, que é o programa que a gente utiliza para alfabetização do 1º ano agora nas escolas municipais, já vem, não é um jogo, é uma sacolinha com letras, mas a gente utiliza como um jogo, eles montam as próprias palavrinhas daí a gente faz eles tentar ler, se eles leem certo a gente dá ok, passa adiante, monta umas palavrinhas do jeito deles, isso interage bastante. (Relato de uma parte da entrevista semi-estruturada com a colaboradora rural).

A educadora destaca a metodologia do programa “Alfa e Beto” como algo apenas a ser seguido e repetido no ano seguinte, pois pensa que as mesmas dificuldades enfrentadas no 1º ano aparecerão no 2º em virtude de que ela desconhece as crianças daquele contexto escolar:

Sim, como no programa tem, são 20 lições, a cada cinco lições, a gente tem uma avaliação e depois dessa avaliação tem um diagnóstico do que tem a melhorar. Então, a gente vai fazendo atividade seguinte na dificuldade que a criança teve na avaliação, se era na leitura, se era na interpretação, no

entendimento do contexto né, tem português, ciências e matemática, são bem puxada as avaliações para primeiro ano. E como no 2º ano não tem mais o programa eu continuo basicamente seguindo essa rotina de tempos em tempos eu faço uma avaliação, mas eu já sei como a minha turma do segundo ano é a mesma do ano passado, então eu já sei desde ano passado, então cada aluno a sua dificuldade e eu já direciono para isso. (Relato de uma parte da entrevista semi-estruturada com a colaboradora rural)

Ao mencionar a cartilha para alfabetizar, ela acredita que o uso da mesma não é uma regra, mas um apoio que precisa ser passado para que a criança consiga assimilar. De certa forma, a colaboradora apresenta uma preocupação com palavras que não fazem parte do cotidiano das crianças rurais, mas percebe-se que não compreende que o uso das cartilhas é de cunho reprodutor, com palavras vazias sem nenhum significado para as crianças:

Ela vai assimilar se a gente fizer dessa cartilha não uma regra e sim um apoio, porque como é uma cartilha, é uma espécie de cartilha, mas se eu não trazer o que tem na cartilha para realidade não adianta de nada, eles vão reproduzir, então tem algumas atividades que tem dentro da cartilha que agente não passa, que a gente percebe que não é para crianças da escola rural, tem às vezes palavras que às vezes não condiz com a realidade deles ou textos ou atividades dentro né, são essas atividades a gente procura substituir por outras que façam parte da realidade deles. (Relato de uma parte da entrevista semi-estruturada com a colaboradora rural).

Acredito que o que se apresenta nas cartilhas é diferente do cotidiano das crianças, é abstrato, não tem um significado e nem relação com os conteúdos sendo que tudo já vem pronto, tanto o educador quanto o educando não precisa pensar, pois a preocupação está voltada para a memorização das letras e sílabas, conforme relata Brandão (1981), a cartilha é um saber abstrato, pré-fabricado e imposto.

Em uma entrevista para revista online Nova Escola sobre o fracasso escolar, Weisz (2000) aponta que o uso das cartilhas é um dos pontos que contribui para o fracasso da criança na alfabetização, por acreditar que o método tradicional faz com que ler e escrever não tenha nenhum sentido, e que durante as aulas o professor apenas reproduz a seqüência da cartilha (leitura, cópia, treino de famílias silábicas).

Durante a entrevista, a colaboradora rural diz que não existe nenhuma teoria que sustente sua prática, que apenas segue o programa “Alfa e Beto”, cujo o objetivo é fazer com que o aluno consiga juntar os sons e formar palavras e ler:

Como a gente não está usando nenhuma teoria, como a gente estuda no magistério e na pedagogia, a gente está seguindo um programa, nesse programa o objetivo é fazer o aluno entender o som juntar esses sons e

formar as palavras e saber ler. O programa é específico Alfa e Beto, é esse programa que a gente segue no município. (Relato de uma parte da entrevista semi-estruturada com a colaboradora rural).

É possível que a colaboradora não perceba a existência do método em virtude de não possuir clareza no regulamento do mesmo. O site do programa “Alfa e Beto” cita que o mesmo baseia-se nos princípios da Ciência Cognitiva da Leitura, em que ele é voltado para o desenvolvimento das habilidades cognitivas de maior complexidade. Ao citar o termo ciência cognitiva da leitura, refere-se a conhecimentos da neurociência, da psicolinguística e da psicologia cognitiva para que se possam compreender os fenômenos relacionados ao ensino e aprendizagem da alfabetização.

Percebe-se que para a colaboradora, a única preocupação é o aluno aprender a ler e conseguir vencer os conteúdos que o programa traz, sem ao menos se preocupar se a criança realmente aprendeu a construção da leitura e escrita com significado. Para embasar essa idéia, cito Antunes:

Na maioria das vezes, os professores acabam por ignorar a capacidade criadora dos alunos no processo de construção da lecto-escrita, centrando-se em um ensino que somente cumpre o papel de vencer programas e conteúdos. Portanto, não se prioriza o desenvolvimento da autonomia, da análise crítica e da criatividade dos envolvidos nos processos de aprendizagem. (ANTUNES, 2005, p.25).

Para a colaboradora, a ludicidade foi abordada em seu trabalho com as crianças em uma aula em que utilizou os pênaltis na matemática:

Eu entendo por ludicidade que é ser uma aula, não é aquela aula, que vira brincadeira, mas que a brincadeira faz parte, um exemplo: hoje na minha aula, como aconteceu esse episódio, a gente teve que sair da sala e isso não estava previsto, então eu fui para quadra com eles, fiz todas as atividades de coordenação motora e pá [...] também fiz uma brincadeira de pênalti e usei esses pênaltis na matemática cada um tinha que anotar os seus pontos e depois tinham que somar com o coleguinha do lado e somar o total, então isso faz parte, acho que o lúdico é isso, tu envolver a criança de outras maneiras, mas não achar que a aula é uma bagunça, né, mas ter um outro, não é sempre aquela mesma coisa, o mesmo tipo de texto, ir variando. (Relato de uma parte da entrevista semi-estruturada com a colaboradora rural).

A colaboradora apresenta certo entendimento sobre a ludicidade, mas quase não faz uso dela no seu trabalho com as crianças. Acredito que ela enquanto educadora de uma escola rural, deve propiciar um ambiente rico em situações que façam o aluno ser desafiado, que o faça pensar, duvidar, criticar, errar, pois o erro também é parte da construção do conhecimento da criança. A criança precisa ser desafiada dia a dia e o professor deve levar para a sala de aula diversos materiais para que suas aulas se tornem prazerosas e que faça ter um aprendizado com significado para a criança.

O educador precisa ter clareza de que educar não é só ensinar ler e escrever, resolver um problema de matemática ou ajudar o aluno a formar um pensamento, mas é preciso que se atendam as necessidades do desenvolvimento da criança e que o brincar se faz presente como forte aliado na aprendizagem da criança lhe proporcionando prazer ao entrar em contato com o brinquedo, conforme aponta Vygostky (1989).

Ao estar vivenciando um momento lúdico por meio da brincadeira, a criança recebe motivação para a sua aprendizagem, contribuindo na alfabetização de forma positiva em que o aprender se torna muito mais do que somente decifrar códigos, como sugere Negrini (1994), o brincar é sinônimo de aprender.

Cunha (1994) entende que com o uso do lúdico na prática pedagógica, o educador conseguirá respeitar o interesse da criança e motivá-lo, pois ao estar usando como ferramenta o lúdico na prática pedagógica, ele deve ser usado seriamente atentando para uma maneira intencional a fim de que venha abrir possibilidades de ampliar suas ações.

Acredito que o planejamento é de suma importância para uma ação lúdica e o educador ao estar planejando não deve planejar por planejar, mas um planejamento que esteja voltado para a realidade de seus alunos, para as suas dificuldades e particularidades. Junto do planejamento, o educador precisa fazer uso dos instrumentos de avaliação, ou seja, você não pode somente planejar e avaliar o seu aluno, mas é imprescindível que o educador faça uma autoavaliação de sua aula, que tenha seu diário de classe para o uso de registro e reflexão de sua prática, para ter seus objetivos claros ao estar planejando para turma.

Durante a entrevista, a colaboradora aborda que o planejamento para ela é uma forma de se sentir segura, de ter algo para ensinar:

Se eu não planejar minhas aulas, eu vou chegar lá e não vou saber o que dar, então eu acho que é importante para o professor se sentir seguro, saber que ele vai trabalhar esse assunto, mais esse e mais esse, não vai chegar lá e estar catando conteúdo, e para o aluno também se sentir seguro que o professor sabe o que está passando, que ele está ali para ajudar eles, claro que às vezes vai surgir uma situação, às vezes eles pedem: “profe me dá um desenho hoje”, que tu não tinha planejado, de repente se tu tens um tempo, como agora nós temos horas atividades que outras professoras dão alguns períodos e digamos que nós temos folga, daí a gente, de repente esse desenho tem haver com o que você estava trabalhando, então tu podes dar um equilíbrio para tua aula. Mas o importante é avaliar o teu trabalho, conversar com outros professores, com a diretora como é que ela está vendo o teu trabalho, e isso na escola do interior agente tem muito, e isso na hora do intervalo, na hora do recreio a gente senta para falar de aluno daí a gente comenta esse está com dificuldade daí um colega da uma ideia, o diretor está próximo, a gente

tem contato direto, já é diferente da escola da cidade, então é importante a gente ter essa avaliação e ter noção que a gente não pode se acomodar, entende? Hoje vou dar qualquer coisa não é assim, o aluno não é qualquer um, é um ser que tá ali para aprender e precisa do professor para mediar esse conhecimento. (Relato de uma parte da entrevista semi-estruturada com a colaboradora rural).

Concordo com Antunes (2002) quando fala no cuidado que o educador deve ter ao estar planejando jogos pedagógicos, entendo que ao estar voltado para alfabetização eu preciso identificar os objetivos da aula e o que estarei propondo para as crianças e acompanhando realmente o seu progresso.

Para Vasconcellos (2000), planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto, é buscar algo incrível, essencialmente humano, o real comandado pelo ideal. Percebe-se assim que o planejamento só tem sentido se o educador coloca-se numa perspectiva de mudança.

Penso que um educador que trabalha com alfabetização na escola rural deve buscar mudanças em sua prática, não se contentar com algo pronto e acabado, mecânico e que não condiz com a realidade de seus alunos, mas ele deve ter um planejamento flexível aberto para sugestões e interesses e necessidades das crianças, que o ensino seja pensado com uma ação lúdica que traga prazer e significado para criança.

O planejamento precisa ter uma metodologia baseada no conhecer, analisar e transformar para que o educador possa vivenciar uma ação-reflexão-ação, pois ao planejar, eu reflito sobre minha ação buscando pontos que precisa ser melhorado e já planejo uma nova ação.

Segundo Dante (2006), o objetivo da avaliação é diagnosticar como está se dando o processo ensino-aprendizagem e coletar informações para corrigir possíveis distorções observadas nele. Portanto, avalia-se para identificar os problemas e os avanços e para redimensionar a ação educativa, visando ao sucesso escolar.

Trago Barbosa; Horn (2008) para destacar alguns instrumentos que acredito ser importante para avaliação em sala de aula, o diário de campo e também o uso do portfólio.

O registro e a reflexão de sua prática é algo que acredito que não deve ser esquecido. Warschauer (1993) aponta que registrar é buscar o próprio aperfeiçoamento através de registros feitos a partir de sua prática.

[...] o registro ajuda a guardar na memória fatos, acontecimentos ou reflexões, mas também possibilita a consulta quando nos esquecemos. Este

“ter presente” no já acontecido é de especial importância na transformação do agir, pois oferece o conhecimento de situações arquivadas na memória, capacitando o sujeito a uma resposta mais profunda, mais integradora e mais amadurecida, porque menos ingênua e mais experiente, de quem já aprendeu com a experiência. Refletir sobre o passado (e sobre o presente) é avaliar as próprias ações, o que auxilia na construção do novo. E o novo é a indicação do futuro. É o planejamento. (Warschauer, 1993, p. 62).

A capacidade de escrever após cada dia de trabalho nos faz conhecer e refletir sobre nossas ações no cotidiano da vida escolar, proporciona-nos um amadurecimento com relação as nossas idéias e uma autoavaliação de nossas atitudes, bem como nos auxilia na busca de melhores planejamentos para uma melhor atuação em sala de aula frente às crianças.

Para algumas escolas, portfólios são espaços que guardam os trabalhos das crianças que foram produzidos por determinado período de tempo. Para Shores (2001), esses materiais devem ser frequentemente avaliados com as crianças e com os pais para que se discutam os avanços, quais as áreas em que se deve dar mais ênfase, onde houve maior dificuldade por parte das crianças e as propostas de novas provocações.

Barbosa; Horn (2008) completam afirmando que os portfólios não são apenas a escolha de materiais que serão avaliados para sua construção, é preciso analisar, avaliar, construir um significado, o seu processo de criação deve estimular as discussões em aula, as reflexões.

A docência em uma escola rural como alfabetizadora faz-me acreditar mais ainda em uma prática na alfabetização com significado para a criança voltada para o lúdico, pelo ensinar com amor e com o comprometimento com o seu aluno, com o que ele anseia em aprender e com a valorização do meio em que está inserido. Para mim, o importante é você ter vontade de ensinar, vivenciando, mediando e aprendendo pela capacidade de reflexão. Penso em um aprendizado que aconteça a partir das propostas pedagógicas, fundamentadas em teorias educacionais que embasam o conhecimento e o aperfeiçoamento das práticas na alfabetização por meio de uma aprendizagem lúdica construída dia a dia com significado para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante minha investigação, constatei que a abordagem do lúdico pela educadora rural na alfabetização do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental não se faz presente pela falta de seu processo formativo, que não deu condições teórico-prática para que pudesse implementar uma rotina lúdica na alfabetização no ensino rural. Considero a necessidade de a prefeitura municipal contratar professores com o ensino

superior em Pedagogia para que possa ter mais clareza e para a possibilidade de uma perspectiva lúdica.

Entendo e acredito cada vez mais em um trabalho voltado para a alfabetização com uma perspectiva lúdica, em que educar e aprender tenham sentido e significado não somente para o professor, mas também para o aluno. Compreendo ainda que ao estar trabalhando com a ludicidade na alfabetização no ensino rural, é importante que o educador se identifique com a realidade do ambiente ao qual está inserido para que possa permanecer firme no seu propósito de trabalho e que este trabalho seja com base no desejo e no amor de lutar por mudanças.

Penso que o lúdico e a afetividade caminham juntos na alfabetização. O vínculo afetivo estando presente faz toda a diferença na relação da criança com o aprender, propiciando-lhe a oportunidade de ser olhado com um olhar sensível e construtivo.

Para corroborar com esta idéia, mais uma vez cito Antunes (2005) ao abordar que o que sustenta as aprendizagens feitas pelas crianças é a relação afetiva que se cria entre elas e o professor. A autora menciona ainda que seja necessário aproveitar as situações de interação que se estabelecem entre a criança e o professor para motivá-la a assumir novos caminhos. Para que isso aconteça, é preciso ter um bom planejamento que ofereça contextos ricos para permitir à criança se deparar com novas experiências que lhe sejam significativas e que por meio destas possa experimentar, brincar, manipular, duvidar, observar, construindo assim um aprendizado prazeroso através do lúdico.

Comparo planejamento da alfabetização com uma perspectiva lúdica como se você fosse fazer um jardim. Você precisa primeiro preparar a terra, os canteiros e depois com muita fé jogar as sementes. Mas, entre semear e florescer existe o tempo de crescer, tempo este que lhe exigirá muita atenção, cuidado e principalmente paciência, além disso, você deve estar atento às necessidades de seu jardim e de cada semente, sabendo que pode fazer o melhor por ela a cada dia.

É verdade que cultivar e fazer crescer as sementes não é atividade fácil, mas acredito que para quem está cuidando desse jardim, o semear, o regar, a insistência, o respeito ao tempo de cada semente, o proteger, o cuidar fielmente sem perder a fé ao longo do tempo tem uma recompensa maior que é ver desabrochar a primeira flor. Compreendo de tudo isso que assim é durante o período de alfabetização, construir e ensinar o processo de leitura e escrita com crianças na escola rural é como plantar sementes. A intensidade com que poderá florescer o jardim no futuro depende que ele

floresça primeiramente em meu pensamento quando o planejo e em meu coração quando eu o acolho dia a dia e o interiorizo através das ações desenvolvidas como professora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002

ANTUNES, Helenise Sangoi. **Imaginário social e formação inicial de professores: Tecendo relações entre teorias e práticas educativas**. In: ANTUNES, Helenise Sangoi(org) **Trajatória Docente: O encontro da teoria com a prática**. Ed. Palloti, 2005, p. 19 – 32.

ANTUNES, Helenise Sangoi, Lucatelli, Loen Cristy, Finger, Leila Rosemara. A afeividade no contexto escolar: Essencia da Pratica Educativa. In: **Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Centro de Educação. Santa Maria. 2005,p.01-37.

ANTUNES, Helenise Sangoi. Memórias de alfabetizadora na escola rural. In: **Modos de narrar a vida: cinema, fotografia, literatura e educação**. Barbosa, Raquel Lazzari Leite e Penazza, Mônica. Org: São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010. P.191- 210.
ARROYO, Miguel G; FERNANDES. **Imagens Quebradas**. Petrópolis: Vozes.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria das Graças Sousa. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008

BODGAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos**. 4 ed. Porto: Porto, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CUNHA, Nylse Helena. **“Brinquedoteca: um mergulho no brincar”**. São Paulo: Maltese, 1994.

DANTE, Luiz Roberto. **Vivência & Construção**. São Paulo: Ática, 2006.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: cadernos do formador**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG,2005.

FONTE: <http://www.alfaebeto.org.br/ProdutosServicos/Alfabetizacao>. Programa Alfa e Beto de Alfabetização. Acesso: 27 de jun. 2012.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Menga Lüdke, Marli E.D.A. André – São Paulo: EPU, 1986.

NEGRINI, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil: simbolismo e jogo**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

SANTOS, S.M.dos; CRUZ, D.R.M. O lúdico na formação do educador. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org). **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento: Um Tema em Três Gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SHORES, Elizabeth F. **Manual de Portfólio: um guia passo a passo para professores**. Elizabeth F. Shores e Cathy Grace; trad. Ronaldo Cataldo Costa. – Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WEISZ Telma. "A culpa pelo fracasso não é do aluno". **Revista online Nova Escola**, 2000. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/culpa-pelo-fracasso-nao-aluno-423526.shtml>. Acesso: 30 de jun. 2012.